

A MULHER NA MÍDIA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM TORNO DA MULHER ESPORTISTA NO PORTAL DA REVISTA GLAMOUR¹

Camilla Rodrigues Netto da Costa²
Irina Vianna Glindmeier Didier³

RESUMO

No presente artigo abordamos a construção discursiva em torno da figura da mulher esportista operada pelo portal da *Revista Glamour*. Delimitamos como corpus de análise três matérias veiculadas no ano corrente (2019), a saber: (i) *Como o esporte mudou a vida de quatro mulheres?*⁴; (ii) *Paolla Oliveira fala sobre pressão para ter corpo perfeito: 'Sofri bastante'*⁵; e (iii) *Triatlo: saiba tudo sobre o esporte que virou mania fitness*⁶. Objetivamos, com isso, problematizar as normatividades - imposições/silenciamentos de modos de ser/agir - que engendram determinados estilos de vida para refletirmos acerca das (in)visibilidades produzidas pelos meios de comunicação hegemônicos no que tange à figura de mulher esportista. Para tanto, o presente artigo propõe como eixo metodológico a Análise Crítica do Discurso a partir de Fairclough (2016). Localizamos que muito embora o discurso para a promoção da prática esportiva possa ter pontos positivos, não há por parte da articulação midiática uma ampliação significativa que contribua para a visibilidade da mulher esportista. As reportagens atrelam superficialidade ao articularem autonomia e empoderamento, omitindo as reais implicações de uma inserção do esporte na rotina das mulheres, aproximando-se em grande medida ao discurso publicitário com promessas, incitações ao consumo e convocações para a beleza.

PALAVRAS-CHAVE

1. Comunicação. 2. Estudos de Gênero. 3. Corpo. 4. Estilos de vida. 5. Mulher Esportista.

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar uma pesquisa exploratória no banco de dissertações e teses da CAPES, almejando levantar o estado da arte acerca da representação da mulher esportista na mídia

¹ Este artigo foi apresentado no 13º Interprogramas da Cásper Líbero em coautoria

² Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (Bolsista CAPES - PROSUP Integral) e doutoranda na mesma instituição.

³ Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM/ESPM (2019). Possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (2011) e especialização em Estudos Brasileiros pela FESP-SP.

⁴ Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Fitness-e-dieta/noticia/2019/01/como-o-esporte-mudou-vida-de-4-mulheres-e-sim-pode-mudar-sua.html> Acesso em fev. 2019

⁵ Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2019/02/paolla-oliveira-fala-sobre-pressao-para-ter-corpo-perfeito-sofri-dema.html> Acesso em fev. 2019

⁶ Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/noticia/2017/05/triatlo-saiba-tudo-sobre-o-esporte-que-vice-foi-mania-fitness.html> Acesso em fev. 2019

tradicional, com olhar voltado para a produção de teses, é possível localizar 7.591 trabalhos com o emprego dos termos “mulher; esporte; mídia”. Destes, muitos são os que problematizam as representações das mulheres na mídia tradicional perpassando outros eixos de sua existência, que não o esporte: trabalho, política, maternidade, telenovela, seriados, sexualidade, migração, raça etc. Nesse banco de teses, são apenas duas as que vinculam a análise da mulher esportista à mídia tradicional e apenas uma com acesso disponível para consulta.

Bueno (2018) é uma das autoras que se propõe a pensar mídia, mulher e esporte, e levanta suas problematizações dentro de um contexto em que as relações de gênero se mantêm assimétricas, ou seja, ela parte do pressuposto de que a realidade das mulheres é historicamente desigual e que vem sendo amparada pelos movimentos feministas – ao batalharem por alterações estruturantes sobre o lugar da mulher no mundo.

A autora toma como eixo principal para sua problematização aquelas mulheres que estão vinculadas ao esporte e à mídia por meio de uma relação de trabalho (no caso, via jornalismo esportivo). Assim, ela volta seu olhar para “duas instituições historicamente reconhecidas por manter as diferenças de gênero: o jornalismo e o esporte, bem como o jornalismo esportivo” (BUENO, 2018, p. 22) para pensar a participação e visibilidade dessas profissionais de comunicação (narradoras, apresentadoras e comentaristas) em programas esportivos da televisão tanto no Brasil como em Portugal.

A autora mergulha a fundo na questão do gênero e da mídia pois ela considera que uma sub-representação ou uma representação não adequada das mulheres nos meios promove uma incompreensão delas em sua totalidade. Essa representação não adequada pode ocorrer quando a mulher não é retratada, quando não é ouvida como especialista, quando o destaque de sua função está voltado para o âmbito doméstico, entre outros (BUENO, 2018, p. 49)

Tal colocação nos remete a Hall (2013) quando o autor explicita que os meios de comunicação se constituem como *agentes significantes* na medida em que, ao representarem quaisquer sujeitos e/ou circunstâncias, o fazem por meio de uma leitura da realidade, formando, assim, uma nova realidade. A partir de Baccega (2003), podemos afirmar então que a realidade que nos chega através dos meios de comunicação é *editada*, e

somente destrinchando o funcionamento dos mesmos é que podemos atingir o mundo *desvelado* – tal como ele é –, de modo a agirmos sobre ele.

Os meios de comunicação propõem tais “realidades” a partir de seu domínio discursivo, valendo-se dos contextos em que estão inseridos. Dito de outra forma, os discursos propostos pelos meios de comunicação se constituem com base em sentidos plasmados na conjuntura social. Sentidos esses que são rearticulados no processo de significação para posteriormente serem apresentados ao público. Neste sentido, Escosteguy (2001, p. 70) esclarece que o “processo de significação dos *media* difere de outros processos precisamente porque o que esta prática social produz é um objeto discursivo, logo, o que o diferencia enquanto prática é a articulação de elementos sociais e simbólicos”.

Tal proposição de sentidos não se dá de maneira isenta, na medida em que “a inclinação dos *media* é reproduzir o campo ideológico da sociedade em tal forma que reproduz, também, sua estrutura de dominação” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 71). Nesse sentido é que podemos afirmar ser atividade da mídia a visibilização de determinados sentidos e, concomitantemente, o apagamento de outros, construindo assim os chamados regimes de (in)visibilidade.

A importância da pesquisa de Bueno (2008) está justamente em apresentar um olhar crítico, mediante elaboradas reflexões e análises, para constatar que na seara do jornalismo esportivo, para além da prevalência numérica dos profissionais do sexo masculino em detrimento das do sexo feminino, há, principalmente, a expressiva manifestação de uma cultura androcêntrica permeando todo o contexto. Tal cultura androcêntrica e machista traz implicações que vão desde a delegação de tarefas “menores” às mulheres, passando pelas complexas questões enfrentadas unicamente por elas (maternidade, assédio etc), e, culminando, com isso, em uma confirmação quanto a dominância do *ethos* masculino no discurso do jornalismo esportivo das TV’s abertas.

Em sua dissertação de mestrado Bueno (2010) apresenta o mesmo pressuposto – que explora de maneira mais apurada em sua tese de doutorado – quanto ao fato de os meios de comunicação adotarem perspectivas andrôcentricas e, valendo-se de Bourdieu, a autora também coloca o jornalismo como aquela instituição que mantém a assimetria entre os gêneros. Nessa pesquisa ela parte de uma matéria jornalística específica em que há a

hostilização de uma aluna por parte de outros alunos para verificar quais os enquadramentos efetuados pelos veículos *Folha de S. Paulo* e *d'O Estado de S. Paulo*.

A autora capta com precisão o porque de serem tão relevantes pesquisas que se propõem a compreender a imbricação entre a mídia e as consequências funestas de uma sociedade machista e patriarcal, quando assevera que:

As representações mediáticas auxiliam na formulação do que é reconhecido como feminilidades e masculinidades, na medida em que associam comportamentos, valores e atitudes a um ou a outro gênero. Assim, essas representações podem interferir na criação e consolidação de identidades de gênero e de modelos de comportamento (BUENO, 2010, p. 48)

Para além de qualquer perspectiva funcionalista, reside aqui, em nosso entendimento, o reconhecimento da total imbricação da mídia com a tessitura social, daí advindo a importância dos movimentos feministas no sentido de

fomentar representações mais adequadas, ou seja, que contemplem a diversidade de papéis, posições e personalidades das mulheres em substituição à reprodução de mitos e estereótipos femininos. Além disso, também se reivindica que essas representações tenham características emancipadoras e que promovam posições e visões femininas, exponham e questionem a opressão de gênero e encorajem a equidade entre os sexos e a redefinição dos valores da sociedade patriarcal (BUENO, 2010, p. 48)

Invocamos Martín-Barbero para lembrar que, se por um lado a comunicação deixa de ser pensada “como mero assunto de mercados e consumos, exigindo sua análise como espaço decisivo na redefinição do público e na reconstrução da democracia” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 221-222), por outro não podemos nos deixar levar pelo *comunicacionismo*, isto é, pela “ideia de que a comunicação constitui o motor e o conteúdo último da interação social” (Ibidem, p. 222). O referido autor faz essa ressalva tendo em vista a elevação da centralidade da comunicação, frisando a formação de uma sociedade tecnológica, relegando e esvaziando questões de poder e aquelas pertinentes às desigualdades sociais que orbitam todo e qualquer processo comunicacional. O autor também faz críticas ao *mediacentrismo*, que ata a noção de comunicação à ideia de mídias, esvaziando seu conteúdo social e relacional.

Assim, é a partir dos Estudos Culturais que compreendemos a comunicação como esse espaço estratégico tanto de criação quanto de apropriação cultural. Para tanto,

interessa-nos perceber a comunicação não quanto às suas disciplinas e tecnologias, mas, sim, em seus fluxos, processos e usos.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO, MULHER E ESPORTE

Problematizar a forma como as mulheres são retratadas no jornalismo esportivo passa, necessariamente, por uma discussão sobre o que é ser mulher. Essa discussão pode parecer excessivamente abstrata ou essencialista, mas não é. De forma geral, podemos concordar que as aparições dessas mulheres na mídia não são centradas em propriedades biológicas e fisiológicas das suas vaginas e as questões dos hormônios tampouco são o foco das reportagens. Portanto, não é difícil concluir que o feminino retratado e construído na mídia é um feminino constituído muito menos por esses aspectos biológicos do sexo feminino e muito mais por comportamentos, atitudes, simbologias e papéis ou locais sociais que se atribuem ao “ser mulher”, como já é indicado pelos estudos mencionados acima. Como coloca Butler, não se trata de negar constituições biológicas, mas de compreender que biologia e sociedade influenciam o nosso entendimento sobre o corpo: “desde sempre um signo cultural, o corpo estabelece limites para os significados imaginários que ocasiona, mas nunca está livre de uma construção imaginária” (2016, p. 128).

Essa prevalência do que seriam “características secundárias” nos facilita o entendimento de um conceito que é importante para contornos nítidos ao objeto maior do nosso estudo: a performatividade de gênero. A performatividade de gênero é um conceito que foi desenvolvido por Judith Butler (2016) para descrever como tantas das características que observamos em homens e mulheres não são produzidas por uma “essência da natureza”, inexorável, que produz comportamentos e atitudes pela força dos hormônios; mas sim que esses comportamentos são realizados diariamente, em uma reprodução consistente daquilo que entendemos como “agir como homem” ou “agir como mulher” que, diariamente, acaba por criar um efeito de realidade que de fato nos torna homens ou mulheres na nossa própria percepção e na daqueles ao nosso redor. Em outras palavras, Butler revela que o gênero feminino e masculino da forma como conhecemos é fruto da performatividade, que aqui não se confunde com uma ideia de algo performado como se fosse falso, mas algo que é produzido através da performance consistente de certos padrões

(BUTLER, 2016, p. 69). Essa perspectiva sobre o gênero nos revela que, se o gênero é resultado de comportamentos e atitudes que precisam ser (re)produzidos a cada dia, então é possível criar inúmeras maneiras de “ser mulher” ou “ser homem”. E, de fato, é algo que se pode observar no dia a dia, onde estamos constantemente circundados por pessoas que podem não corresponder a todas e cada uma das características esperadas para o gênero feminino, mas nem por isso tem sua identidade questionada: mulheres que usam calças ou que usam cabelos curtos são ótimos exemplos de uma performatividade do feminino que já foi considerada uma ousadia à ordem sexual estabelecida, mas que hoje não ameaça a identidade social de ninguém. Em outras palavras, Butler define

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2016, p. 69)

Ter nitidez sobre esse aspecto de construção e reprodução da identidade do gênero é muito importante para o nosso estudo, pois joga luz sobre o escopo limitado de performatividades do feminino que vemos na mídia e nos deixa claro que há muito mais liberdade para retratos do feminino do que as (in)visibilidades atuais nos levam a crer. Como veremos adiante na análise, certas características dessa “mulher” são dadas com uma naturalidade que nos faz escorregar para uma ideia de que seriam de fato naturais, inexoráveis, ao invés de nos mostrar que são apenas algumas das diversas possibilidades de se existir como mulher, mulher atleta ou mulher esportista. Portanto, essa reflexão acerca dos gêneros é fundamental para que se esclareçam inúmeras construções dadas como certas e que tem por finalidade segregar, excluir e desumanizar as diferenças. O esporte, nesse sentido, passa a ser terreno fértil para análise pois por vezes engessa visões estereotipadas do que seriam “feminilidade” e “masculinidade” assim como, por outro lado, pode permitir suas subversões.

O que se espera de uma mulher “feminina”, dentro de uma imposição heteronormativa, machista e patriarcal, muitas vezes vai de encontro à existência do próprio corpo esportista sendo que este pode conformar-se aos padrões hegemônicos ou informar-se subversivamente.

Nesse sentido concordamos com Adelman (2006) que aloca o esporte como

cenário de muitos conflitos e lutas sobre o que pode ser/fazer uma mulher. Para as mulheres, torna-se uma disputa por acesso a espaços, legitimidade, e recursos materiais e simbólicos, que encena de forma muito sensível, a luta maior para ter controle sobre o próprio corpo, e sobre a vida (ADELMAN, 2006, p. 13).

Para a autora, podem advir do esporte as possibilidades tanto para empoderamento quanto para submissão das mulheres (ADELMAN, 2006). Assim, a partir do esporte – ou, mais especificamente, a partir da problematização das construções discursivas em torno das mulheres esportistas na mídia –, é possível localizar as normatividades ressaltadas bem como os apagamentos decorrentes.

Evocamos o conceito de biossociabilidades (ORTEGA, 2008; RABINOW, 1999) de onde advém a noção básica de que, na contemporaneidade, o disciplinamento dos corpos se dá por meio de critérios privados provindos de uma gestão de si (saúde, performance, longevidade, beleza).

3 APORTES METODOLÓGICOS

Nosso material de análise traz um recorte ligeiramente diferente do que encontramos na literatura de referência, focada nas jornalistas mulheres. Temos a seguir três reportagens que pretendem falar às mulheres sobre o esporte em suas vidas. Nas três reportagens selecionadas temos mulheres como personagens centrais utilizadas com o objetivo de materializar a mensagem trazida pela reportagem. Para analisá-las utilizaremos os Estudos Críticos do Discurso, uma abordagem teórico-metodológica que nos orienta não só a como proceder para a análise de um objeto de comunicação, como os textos jornalísticos, mas também fornece algumas orientações teóricas para a interpretação mais abrangente dessas análises. Uma das orientações mais relevantes dos ECD é a de olhar para os objetos da comunicação sob as perspectiva das disputas pela manutenção ou mudança nas relações de poder: na análise do nosso objeto, buscamos descrevê-lo e inseri-lo em um contexto maior tendo em sempre em vista os efeitos que desempenham nas estruturas sociais. Como define Fairclough (2016, p. 33), os Estudos Críticos do Discurso são úteis para objetos “mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os

efeitos construtivos que o discurso exerce sobre identidade sociais (...) nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso”.

Fairclough trabalha na chave de manutenção e mudança, buscando as brechas ou fissuras que possam ser utilizadas como um conhecimento-fonte de mudanças sociais; sua teoria metodológica procura instrumentalizar os pesquisadores para que enxerguem o discurso não só como um reprodução do mundo, mas também como um poderoso instrumento de produção (e modificação) do mundo. Esse ponto explícito e intencional é o que, ao seu ver, faz a diferença fundamental dos ECD para outras abordagens de análise do discurso:

outra limitação da linguística crítica é que ela confere uma ênfase unilateral aos efeitos do discurso na reprodução social de relações e estruturas sociais existentes, e consequentemente, negligencia tanto o discurso como domínio em que se realizam as lutas sociais quanto a mudança no discurso, uma dimensão da mudança social e cultural mais ampla (FAIRCLOUGH, 2016, p. 52).

Como explicitaremos a seguir, nosso objeto mostra-se na posição de ambiguidade, onde se pode perceber que os textos celebram algumas mudanças de representação da mulher que se alinham com os avanços da mulher para papéis mais ativos e autônomos na sociedade, mas ao mesmo tempo ainda reproduz velhos esquemas de vigilância e um controle sobre o corpo das mulheres.

4 ANÁLISES

Selecionamos três matérias publicadas no site da revista Glamour, uma revista impressa voltada para mulheres de 18 a 34 anos de classes A e B que se interessam por moda, beleza e estilo de vida. Não há informação sobre a publicação dessas reportagens na revista impressa, portanto não é possível saber se são textos redigidos para a publicação online ou se são reproduções do que foi publicado na revista. O site onde constam as matérias analisadas recebe mais de 8 milhões de visitantes por mês⁷. Portanto, as matérias que analisamos são matérias que têm por objetivo informar mulheres jovens do topo da pirâmide social brasileira. As matérias foram selecionadas a partir da página inicial do site para uma análise qualitativa e ensaística. As reportagens foram selecionadas de maneira a

⁷ Dados divulgados pela editora da revista. Disponível em: <http://estaticos.edglobo.com/glamour/MediaKit/GL_MidiaKit_2018_atl.pdf>. Acesso em 7 abr. 2019.

reproduzir as abordagens da mulher-atleta e mulher-esportista que atualmente se encontra nos veículos massivos de mídia. No entanto, este artigo tem a limitação de que seu corpus não foi selecionado com base em dados estatísticos que pudessem apontar a prevalência de certas características nas reportagens que abordam o nosso objeto – daí o caráter ensaístico da análise. Ao contrário, devido à falta de dados sobre o assunto, este artigo pode ser considerado uma base para futuros estudos que mapeiem e identifiquem a frequência dos padrões para os quais aponta a nossa análise.

Percebe-se que as reportagens selecionadas compõem um auxílio e uma convocação para que a leitora percorra a jornada em direção ao hábito esportivo: temos uma reportagem curta e superficial (483 palavras), com personagens da “vida comum” que atua como inspiração para a jornada; temos também uma reportagem onde se apresentam, via entrevista-narrativa de cinco mulheres comuns e uma profissional, as necessidades técnicas e comportamentais iniciais para colocar em prática o novo hábito-desejo (5.086 palavras); e complementando o auxílio-convocação, temos uma reportagem mais profunda, em que uma celebridade discorre sobre sua jornada em direção aos hábitos esportivos/de atividade física (1.030 palavras).

O EDC preconiza que toda análise de texto deve vir antecedida por uma análise da prática social e da prática discursiva na qual o texto está inscrito (FAIRCLOUGH, 2016, p. 303). O jornalismo é, por excelência, um prática social e discursiva posto que organizado por meio de textos, cuja produção embrenha-se do contexto social, dele retora e ao mesmo devolve suas pautas e colocações. Normalmente, práticas sociais incluem práticas discursivas, mas neste caso a prática discursiva representa quase que a totalidade da prática social. Sob a perspectiva das leitoras de Glamour, a prática social do jornalismo é inteiramente uma prática discursiva: tudo o que chega a elas são os textos. Ter isso em perspectiva é entender todo o peso que os textos possuem neste contexto. Dito isso, esclarecemos que o foco deste artigo são os textos e, por falta de espaço, as análises das práticas social e discursiva não serão aprofundadas, permanecendo somente como contextualização, para que não percamos de vista o lugar que esses textos ocupam nas vidas das leitoras.

O primeiro texto selecionado trata-se da reportagem *Como o esporte mudou a vida de 4 mulheres (e, sim, pode mudar a sua)* veiculada no portal da Revista Glamour no dia 28

de janeiro de 2019. A matéria traz um breve depoimento de quatro mulheres entre 27 e 32 anos acerca da presença da atividade física em suas vidas. A escolha lexical do título já é um indicativo do tipo de abordagem que a revista se propõe para com suas leitoras: a enunciação midiática funciona, nesse caso, como aquela *amiga conselheira* que está a indicar o melhor caminho para o implícito, porém evidente, *alcance obrigatório de uma felicidade redentora*.

A reportagem seleciona quatro mulheres - totalmente alinhadas com a conformidade dos corpos dentro daquilo que os padrões hegemônicos preconizam sobre o que se deve entender por beleza e estética -, para que seus corpos *falem* às leitoras sobre como as mudanças a partir do esporte podem conduzir à uma vida mais plena. Aliado ao *encaixe* aos padrões hegemônicos, há nos discursos das entrevistadas, o pressuposto de que sejam feitas rupturas na vida. Ou seja, a simples presença do esporte na rotina da pessoa parece insuficiente para articular benefícios advindos da prática; há que se romper com toda uma existência anterior para alcançar um suposto *sucesso redentor* na vida do porvir. Tanto que duas mulheres largaram o emprego, sendo que uma deixou o emprego e o noivo e uma terceira desmanchou o casamento.

Portanto, percebemos imperar no discurso dessa matéria, a construção de um sentido de apagamento das individualidades para preconizar o esporte como uma tábua de salvação universalizante, como *caminho redentor* que tem por fim colocar um ponto final em outras circunstâncias *tóxicas* que permeiem a vida da leitora (tal como emprego e relações amorosas).

Assim, a revista Glamour, ao invés de questionar e fazer refletir, propõe o engessamento dos corpos nos padrões de beleza hegemônicos, reforçando a tão já evidente proliferação midiática que incentiva a construção de uma mulher *fitness, encaixada e de bem consigo mesma*, em total alinhamento àquilo que consiste o *sucesso* na sociedade do consumo que, em conformidade com Prado (2013):

Não é apenas aquisição de muito dinheiro, mas conquista de espaço simbólico, de visibilidade, de prestígio, para o que é necessário ter saberes (como chegar a esse lugar? Que treinamentos fazer? Que cultivos do corpo e da mente?) e poderes (capacidades, competências adquiridas, em termos de trânsito nos espaços físico e simbólicos) (PRADO, 2013, p. 31)

Ainda que acreditemos serem passíveis de leituras críticas as pautas escolhidas pela Revista Glamour, por não alavancarem debates importantes a partir do esporte para pensar as existências das mulheres, consideramos mais relevante pontuar a forma como, ao se vincular à tais pautas, a revista coloca o esporte no lugar de um fenômeno redentor capaz de articular mudanças das mais milagrosas na vida das praticantes – sem considerar suas implicações das mais variadas.

A segunda matéria analisada *Triatlo: saiba tudo sobre o esporte que virou mania fitness* veiculada no portal da Revista Glamour em 16 de maio de 2017, tem como chamada anunciada *O que é, como começar e outras dicas úteis dadas por verdadeiras musas*. De novo, a partir da escolha lexical *musas* - que nomeia as seis enunciadoras do discurso -, podemos perceber que o que se evidencia no processo discursivo dessa plataforma é uma modalização que caminha no sentido de uma construção daquela mulher totalmente *adequada* aos padrões normativos hegemônicos vigentes para padrões corporais, estéticos e de beleza. Não há qualquer tentativa de reflexão e/ou de desconstrução de estereótipos e padrões normativos. Os corpos, nada plurais, dão conta de um modelo de existir para as mulheres esportistas.

As narrativas das seis praticantes do Triatlo, foco da reportagem, encontram-se em consonância com aquilo Ortega (2008, p. 30) define como biossociabilidade, quando o autor diz que as sociabilidades não se pautam por critérios tradicionais de raça, classe, orientação política, mas sim, que os vínculos estão e estarão cada vez mais formados em torno de que se entende por “saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros”. As seis narram as suas rotinas, hábitos alimentares, cuidados com o corpo e beleza, preocupação com os cabelos, bem como os inúmeros suportes (nutricionistas, equipamentos, médicos, técnicos, suplementos e etc) a que recorrem para tornar possível a prática do esporte.

Pois fica evidente, com isso, que se o corpo desempenhou um papel preponderante a partir dos anos 60/70, transformando-se em *locus* primordial para o desenvolvimento das biossociabilidades (HOFF, 2015), a mídia, por sua vez, “ocupou-se do corpo ao longo de todo século XX, tomando-o como elemento central nos processos disciplinadores e nos agenciamentos do consumo” (HOFF, 2015, p. 172). É o que percebemos com essa matéria do portal da Revista Glamour cujos discursos fazem notórias as convocações biopolíticas, com

suas receitas de vida boa e modos corretos de existir com, no e a partir do esporte. São convocados, literalmente, a partir de corpos *perfeitos*, modos de existir *perfeitos*, através de consumos infinitos de produtos e serviços, a caminho de uma vida *plena*.

Por fim, temos a entrevista com uma celebridade, a atriz Paolla Oliveira. O título faz menção direta à opressão sempre vigilante sobre os corpos femininos “Paolla Oliveira fala sobre a pressão para ter corpo perfeito”. A reportagem de 1030 palavras é ilustrada com 7 imagens de corpo inteiro da atriz, todas exibindo um corpo perfeitamente dentro dos padrões estéticos midiáticos: branca, loira, magra, cabelos levemente ondulados e barriga lisa e um leve tônus muscular. Ao longo da entrevista, Paolla conta como a sua jornada para a auto-aceitação passou pelo seu disciplinamento para o esporte: o discurso da atriz deixa claro que sua motivação para o esporte foi encaixar seu corpo no padrão estético, mas que nesse processo descobriu que o esporte também fazia bem à mente, o que finalmente trouxe a sua “auto-aceitação”. É interessante que das 7 imagens exibidas ao longo da reportagem, apenas duas ilustram a personagem se exercitando: outras quatro a retratam de biquíni/maiô e uma a retrata com um vestido longo. Em todas vemos a satisfação da atriz, com sorrisos e expressões de plenitude.

A reportagem deixa clara a ambiguidade com que o esporte é apresentado para a mulher nos discursos da mídia. Há uma grande sobreposição entre questões de bem estar e saudabilidade com questões do disciplinamento corporal e das restrições de performatividade do feminino que já são velhas conhecidas das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o discurso para a promoção da prática esportiva possa ter pontos positivos, observamos que a mídia substitui um padrão antigo por um novo, sem ampliar significativamente a variedade de representações da mulher, caso em que o esporte poderia ser particularmente fértil em mostrar diferentes formas possíveis. Além disso, apesar de um verniz de autonomia e empoderamento, as reportagens falham em apresentar o tema com “realidade”, apontando suas limitações e, assim, aproxima-se da publicidade tanto por fazer “promessas” exageradas quanto pelos apelos ao consumo e à perfeição atrelados ao discurso dos benefícios da prática esportiva.

Fechando o diagnóstico de que a mídia trata a mulher esportista de forma bastante disciplinadora e restritiva, temos à contrapelo o exemplo de norte-americana Serena Williams, a melhor tenista da atualidade. Serena é uma atleta profissional e seu corpo exibe músculos muito adequados à sua prática esportiva-profissional e não há registros de qualquer problema profissional causado por sua forma. No entanto, Serena concede entrevistas com perguntas que se assemelham às feitas para Paolla: auto-aceitação, auto-estima e jornada para uma paz com seu corpo – que no caso de Serena é considerado inadequado por ser forte demais⁸. Paolla e Serena são duas profissionais de sucesso: uma é atleta profissional e sofre pressão direta por seu corpo ser adequado demais à prática esportiva e, portanto, menos feminino; a outra é uma atriz que tinha um corpo muito adequado ao feminino (segundo a própria entrevista, com as curvas típicas de uma mulher) e sofre pressão direta para adequá-lo a uma nova estética que teria origem na prática vigorosa de esportes. De uma forma ou de outra, vemos que esses corpos têm limites muito claros: precisam parecer aptos a rotinas vigorosas, isto é, parecer produtivos, mas não podem ameaçar o aspecto de fragilidade do feminino.

Constitui-se, então, um jogo de pressões diretas, constantes e ambíguas. Bourdieu aponta essa estrutura como fundamental para a manutenção da dominação masculina.

É característico dos dominantes estarem prontos a fazer reconhecer sua maneira de ser particular como universal. A definição de excelência está, em todos os aspectos, carregadas de implicações masculinas, que têm a particularidade de não se mostrarem como tais. A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estrutura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a “distância em relação ao papel”, a autoridade dita natural etc., para os quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens. (BOURDIEU, 2003, p. 78)

Um jogo de contrários, onde nunca se pode ganhar, é um jogo de insatisfação perene e dinâmica. Essa pressão dupla e contrária cria um trabalho a mais para as mulheres, dificultando que possam competir em igualdade de condições por espaços sociais e

⁸ Disponível em: <https://saltoalto.blogosfera.uol.com.br/2013/08/29/serena-williams-diz-que-demorou-a-aceitar-seu-corpo-ja-fui-insegura/#fotoNav=589> e no original em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/fashion/fashion-news/a20961002/serena-williams-july-issue-cover-shoot/>

profissionais; também justifica as perenes e dinâmicas formas de subjugar mulheres, de impedi-las de progredir em suas carreiras por inadequação; e ainda alimenta diversas indústrias por meio do consumo de produtos e serviços que prometem a tal sonhada adequação. Enquanto as representações da mulher no esporte seguirem um estrito padrão, estaremos trocando um padrão antigo por um novo com poucos ganhos para a liberdade de fato dos corpos femininos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**, 12 (1), p. 11-29, janeiro/abril. 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. Narrativa ficcional de televisão: encontro com os temas sociais. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.26, p.7-16, jan-abr. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina - a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUENO, Noemi Correa. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV**: um estudo de casos no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru, SP

_____. **Jornalismo impresso e relações de gênero**: enquadramentos da *Folha de S. Paulo* e *d'O Estado de S. Paulo* do caso de hostilização a uma estudante. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru, SP

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2. ed. 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOFF, Tania. Biossociabilidades do consumo: regimes de visibilidade da diferença no discurso publicitário. In: ROCHA, Rose de Melo; PERES-NETO, Luiz (Org.). **Memória, comunicação e consumo**: vestígios e prospecções. Porto Alegre: Sulina, 2015

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PRADO, Jose Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ / Fapesp, 2013.

RABINOW, Paul. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: _____. **Antropologia da razão**: ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

WOMAN IN MEDIA: A REFLECTION ON THE DISCOURSE CONSTRUCTIONS AROUND THE SPORTSWOMAN ON THE *GLAMOUR* MAGAZINE PORTAL

ABSTRACT

In the present article we approach the discursive construction around the sportswoman figure, operated by *Glamour* Magazine portal. We delimit as a corpus of analysis three issues published in the current year (2019), namely: (i) *How did the sport change the lives of four women?*; (ii) *Paolla Oliveira talks about pressure to have perfect body: 'I suffered a lot'*; and (iii) *Triathlon: learn all about the sport that has become a fitness addiction*. We aim, therefore, to problematize the norms - impositions/silencings of ways of being/acting - that engender certain lifestyles to reflect about the (in)visibilities produced by the hegemonic media in relation to the figure of a female sportswoman. For this, the present article proposes the Critical Discourse Analysis from Fairclough (2016) as methodological axis. As results, we find that although the discourse for the promotion of sports practice may have positive points, there is no significant increase in the media articulation that contributes to the sportswoman's visibility. The reports touch on superficiality by articulating autonomy and empowerment, omitting the real implications of an insertion of sports into the women's routine, approaching to a large extent the advertising discourse with promises, consumer incentives and calls for beauty.

Keywords: 1. Communication. 2. Gender Studies. 3. Body. 4. Lifestyles. 5. Woman Sportswoman.

LA MUJER EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN: UNA REFLEXIÓN SOBRE LAS CONSTRUCCIONES DISCURSIVAS ALREDEDOR DE LA DEPORTISTA EN EL PORTAL DE LA REVISTA GLAMOR

RESUMEN

En el presente artículo abordamos la construcción discursiva en torno a la figura de deportista, operada por el portal de la revista Glamour. Delimitamos como un corpus de análisis tres números publicados en el año en curso (2019), a saber: (i) *¿Cómo cambió el deporte las vidas de cuatro mujeres?*; (ii) *Paolla Oliveira habla sobre la presión para tener un*

cuerpo perfecto: "He sufrido mucho"; y (iii) Triatlón: aprenda todo sobre el deporte que se ha convertido en una adicción al ejercicio. Por lo tanto, nuestro objetivo es problematizar las normas (imposiciones/silencios de formas de ser/actuar) que generan ciertos estilos de vida para reflexionar sobre las (in)visibilidades producidas por los medios hegemónicos en relación con la figura de una mujer deportista. Para ello, el presente artículo propone el Análisis Crítico del Discurso a partir de Fairclough (2016) como eje metodológico. Como resultados, encontramos que aunque el discurso para la promoción de la práctica deportiva puede tener puntos positivos, no hay un aumento significativo en la articulación de los medios que contribuya a la visibilidad de la deportista. Los informes abordan la superficialidad al articular la autonomía y el empoderamiento, omitiendo las implicaciones reales de una inserción de deportes en la rutina de las mujeres, y en gran medida abordan el discurso publicitario con promesas, incentivos para el consumidor y llamamientos a la belleza.

Palabras clave: 1. Comunicación. 2. Estudios de género. 3. Cuerpo. 4. Estilos de vida. 5. Mujer deportista.

Recebido em: 13/05/2019

Aceite em: 04/09/2020